

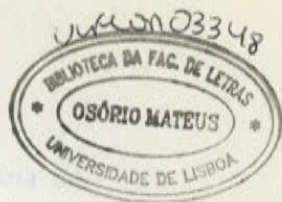
# ALDEIA BRAVA

antónio lúcio vieira

teatro



PREFÁCIO DE:  
LUIS FRANCISCO REBELLO



EM VOLVIMENTO [poemas] — 1974

## ALDEIABRAVA

teatro

1 prólogo e 2 actos

ANTÓNIO LÚCIO VIEIRA



do autor:

EN VOLVIMENTO (poemas) — 1974

ALDEIBARRA

letra

de S. e. opoing i

capa: Luís G. Maurício

foto: Zémar

edição: Fotograma — Apartado 27 — Torres Novas

ANTÓNIO LUCIO VIEIRA

Escrevi «Aldeibrava», misticamente, em três dias.

Farrapos de uma infância próximo-longínqua, no seio dos operários e ganhões da minha Alcanena natal, já nesse tempo despertados para o futuro dos homens, condensaram-se-me no sangue, nessas horas que antecederam o início da construção dos diálogos.

Acredito agora habitar-me um estranho pássaro, deslumbrado e deslumbrante, esvoaçador de veias e fibras espirituais, capaz de me levar e me trazer, na fugacidade de um relâmpago, ao encontro dos rostos e das noites e das dores desses homens, que me semearam de angústia e revolta os primeiros anos.

Homens, sei-o hoje, que se curtiram, mais do que curtiam, na esperança de um reverdescer, que lhes trouxesse na vida a certeza das muitas esperanças alimentadas nas noites de inventar o futuro.

Acreditei, também, nesses três maravilhosos dias de erguer «Aldeibrava», que sou um homem telúrico. A terra corre-me as veias e sinto-lhe a latência em todo o sopro de humanidade do meu acto de viver.

Movi-me, até ao dealbar da infância, cercado e possuído pela terra. Embora sede de um concelho profundamente industrial em curtumes, Alcanena é, ainda, uma vila de características e vivência rural.

Foi, descobro-o, a magia do povo da minha terra, a virilidade dos homens e a sua ânsia de cavalgar a vida, que me vestiram a cor e a força, elementos essenciais à moldura do texto.

Nesse tempo, as manhãs de segunda-feira animavam o pequeno largo fronteiro à tasca do Facão, testemunha calada de um insólito ritual. Era lá, nesse início da semana, que os homens «iam à praça». Ali se juntavam dezenas de rurais sem patrão, cuja

noite era apenas a espera dessa manhã de incerteza, até que chegavam os capatazes, em busca de braços para ajustar ao melhor preço.

Combinada a jorna, irrompia-se pela porta da taberna e selava-se o contrato com a «molhadura», habitualmente representada por metade de meio litro de tinto, por garganta, que os capatazes pagavam, por mando do patrão.

Era um estranho mercado, que me deslumbrava. Anos volvidos, quando o recorde, associo-lhe (ou ao decor envolvente?) a imagem do meu avô materno, Antônio Coutinho, o Albardeiro, como era conhecido, embora já não exercesse a profissão.

Do punhado de pessoas que me traçaram, nesse tempo, a linha de carácter que hoje possuo, sobressai a influência desse velho entroncado, puro e sensível como uma criança.

Foi uma figura ímpar, aos meus olhos de aprender a vida, o avô Antônio, nesse acanhado mundo de viver a infância.

Destacava-se-lhe, no conjunto, um robusto bigode de guias, teimosa réstea da longínqua juventude, como que caracterizando o homem de princípios rígidos e de poucas alternativas. Nunca o vi adular, nem baixar os olhos, nem vergar. Chorava, porém, frequentemente, quando o som das Bandas lhe trazia as recordações dos seus tempos de tocador de requinta, ou quando, muitos anos depois, o pequeno cachorro, que adorava, morreu sob o rodado de um camião.

Próximo do recanto da memória, onde guardo o meu avô, conservo três outros homens, todos já velhos nesse tempo. O Antônio da Albertina, nocturno improvisador de quadras chacoteiras, o Ti' Calhabotas, fogueteiro, invulgar tocador do sino da igreja, animador de garraíadas e detentor de várias outras características. E o Ti' Zé Zabeleta, em cujas mãos o pequeno harmónio entoava as mais belas modas que se ouviam nesse rincão ribatejano. Poeta, também, e cantor como os melhores.

Foi, acredito, a magia do povo da minha terra, a virilidade dos homens e a sua ânsia de cavalgar a vida, como se ela fosse o mais fogooso corcel, que me vestiram a cor e a força e até a palavra, elementos fundamentais à moldura do texto e ao clima da obra.

Acompanhava, com frequência, o meu avô à tasca do Facão. Era lá que os homens desfolhavam a vida, entre sucessivas rodadas de tinto e partidas de busca lambida. Dessas idas ao antro dos operários e ganhões, duas imagens me ficaram. A primeira, o aperceber da luta diária pelo pão, dos reveses e das frustrações, das doenças dos filhos, das lágrimas das mulheres e da servidão do braço e do sangue.

A outra é uma imagem bem diferente. Algo como um retrato

sensorial, impressionado pela penumbra da casa dos pipos, com chão de terra batida, regada pelo vinho, da qual se exalava um odor estranho e inebriante, um odor de mistério, que a meia-luz reforçava e que, à sua maneira, era tão espiritual como o incenso.

Ainda hoje, anos volvidos, quando recordo o local, o associo (talvez pelo estado herético que me caracteriza) à ideia que formo de um misterioso ritual pagão.

Penso que todo este arquivo de vivência me permitiu que «Aldeibrava» surgisse em três dias, nos fins de 1974. Entendi-a, desde esse momento, como um texto eivado de experiência adquirida no conhecimento directo dos personagens de que me sirvo. Talvez por isso «Aldeibrava» me tenha marcado de um modo mais profundo e vital e diferente, de tudo o resto que escrevi ou realizei artisticamente.

Concebi-a para que fosse o retrato de um certo tipo de conflito, que um longo sistema político impediu de emergir, mas que, embora amordaçado, era latente. Conflito que, mesmo após o 25 de Abril, se não aquietou e em cujas raízes a seiva da inquietação continua a viajar. Hoje, parece-me, será mais fácil a observação desse fenómeno.

«Aldeibrava», como disse, é um retrato, que quis autêntico, de formas viris, como deve ser o modo de luta dos homens, quando se lançam a rasgar os seus próprios destinos.

Apetece-me, também, considerar esta peça como um sinete, com o qual deixarei nos leitores e espectadores a marca indelével do homem que sempre fui.

Porque o povo de «Aldeibrava», por transmissão cromossomática, me habita a carne e o sangue.

ANTÓNIO LÚCIO VIEIRA

Torres Novas, Novembro de 1980